Continue

Poemas que escolhi para as crianças

Criado e revisado pelos nossos editores Tempo de leitura: 15 min. A carioca Cecília Meireles (1901-1964), dona de uma poesia intensa, intimista e visceral é, sem dúvida, uma das maiores escritoras da literatura brasileira. Seus poemas, extremamente musicais, não estavam filiados a nenhum movimento literário específico. No entanto, a maioria dos críticos a veja como pertencente à segunda geração do modernismo brasileiro. Entre os seus temas mais frequentes estão o isolamento, a solidão, a passagem do tempo, a efemeridade da vida, a identidade, o abandono e a perda. Cecília passeou por entre o jornalismo, a crônica, o ensaio, a poesia e a literatura infantil. Suas palavras vêm encantando gerações e serão aqui por nós lembradas. 1. Ou isto ou aquilo Ou se tem chuva e não se tem sol, ou se tem sol e não se tem chuva! Ou se calça a luva e não se põe o anel, ou se põe o anel e não se calça a luva! Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares. É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares! Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro. Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro! Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo. Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo. Ou isto ou aquilo é um exemplar da poesia voltada para o público infantil. Cecília foi professora de escola, por isso esteve familiarizada com o universo das crianças. O poema acima é tão importante que chega a dar nome ao livro que reúne 57 poemas. Lançado em 1964, a obra Ou isto ou aquilo é um clássico que vem percorrendo gerações. Nos versos encontramos a dúvida, a incerteza, a indecisão infantil. O poema ensina sobre a escolha: escolher é sempre perder, ter algo significa necessariamente não ter outra coisa. Os exemplos cotidianos, práticos e ilustrativos (como o do anel e da luva) servem para ensinar uma lição essencial para o resto da vida. Infelizmente, muitas vezes, é necessário sacrificar uma coisa em nome de outra. Cecília brinca com as palavras de uma maneira lúdica e natural e pretende se aproximar ao máximo do universo da infância. Leia uma análise completa no artigo Análise do poema Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles. 2. Motivo Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta. Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tormento. Atravesso noites e dias no vento. Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço, — não sei, não sei. Não sei se fico ou passo. Sei que canto. E a canção é tudo. Tem sangue eterno a asa ritmada. E um dia sei que estarei mudo: — mais nada. Motivo é o primeiro poema do livro Viagem, publicado em 1939, época do Modernismo. A composição se trata de um metapoema, isto é, um texto que se volta sobre o seu próprio processo de construção. A metalinguagem na poesia é relativamente frequente na lírica de Cecília Meireles. A respeito do título, Motivo, convém dizer que para Cecília a vida se misturava com a escrita. Escrever fazia parte da sua identidade, uma condição essencial para a vida da escritora, como vemos no verso: "Não sou alegre nem sou triste: sou poeta". O poema é existencialista e trata da transitoriedade da vida, muitas vezes com certo grau de melancolia, apesar da extrema delicadeza. Os versos são construídos a partir de antíteses, ideias opostas (alegre e triste; noites e dias; desmorono e edifico; permaneço e desfaço; fico e passo). Uma outra característica marcante é a musicalidade da escrita. A lírica contém rimas, mas não com o rigor da métrica como no parnasianismo (existe e triste; fugidias e dias; edifico e fico; tudo e mudo). Vemos também que praticamente todos os verbos estão no tempo presente, o que demonstra que Cecília pretendia evocar o aqui e o agora. 3. Despedida Por mim, e por vós, e por mais aquilo que está onde as outras coisas nunca estão, deixo o mar bravo e o céu tranquilo: quero solidão. Meu caminho é sem marcos nem paisagens. E como o conheces? - me perguntarão. - Por não ter palavras, por não ter imagens. Nenhum inimigo e nenhum irmão. Que procuras? - Tudo. Que desejas? - Nada. Viajo sozinha com o meu coração. Não ando perdida, mas desencontrada. Levo o meu rumo na minha mão. A memória voou da minha fronte. Voou meu amor, minha imaginação... Talvez eu morra antes do horizonte. Memória, amor e o resto onde estarão? Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra. (Beijo-te, corpo meu, todo desilusão! Estandarte triste de uma estranha guerra...) Quero solidão. Despedida está presente no livro Flor de poemas, publicado em 1972. Vemos nos versos a procura pela solidão. Essa busca é um caminho, faz parte de um processo. A solidão é uma analogia para a vontade de morrer, que se expressará no final dos versos quando ela afirma: "Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra." A construção do poema é feita com base no diálogo, com um interlocutor do outro lado, com quem se estabelece uma comunicação. Uma pergunta que fica é a quem que o eu-lírico se dirige exatamente. No sexto verso vemos, por exemplo, a seguinte questão "E como o conheces? - me perguntarão". Despedida é uma criação marcada pela individualidade, repare no uso exaustivo dos verbos em primeira pessoa ("quero", "deixo", "viajo", "ando, "levo"). Essa sensação é reforçada pelo uso do pronome possessivo "meu", que se repete ao longo do poema. Ouça o poema Despedida declamado por Diandra Ferreira: 4. Reinvenção A vida só é possível reinventada. Anda o sol pelas campinas e passeia a mão dourada pelas águas, pelas folhas... Ah! tudo bolhas que vem de fundas piscinas de ilusionismo... — mais nada. Mas a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada. Vem a lua, vem, retira as algemas dos meus braços. Projeto-me por espaços cheios da tua Figura. Tudo mentira! Mentira da lua, na noite escura. Não te encontro, não te alcanço... Só — no tempo equilibrada, desprendo-me do balanço que além do tempo me leva. Só — na treva, fico: recebida e dada. Porque a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada. Publicado no livro Vaga Música (1942), o poema Reinvenção conta com vinte e seis versos com rimas alternadas em três estrofes. O refrão não possui rimas, sendo repetido três vezes, reforçando a ideia que deseja transmitir. Os versos apontam para a necessidade de se olhar ao redor a partir de uma nova perspectiva, experimentando a vida de uma maneira diferente, redescobrindo a cor do cotidiano. Do ponto de vista negativo, a solidão também aparece ao longo do poema ("Não te encontro, não te alcanço..."). Por outro lado, consciente das dores da vida, o poema se encerra com esperança. 5. Interlúdio As palavras estão muito ditas e o mundo muito pensado. Fico ao teu lado. Não me digas que há futuro nem passado. Deixa o presente — claro muro sem coisas escritas. Deixa o presente. Não fales, Não me expliques o presente, pois é tudo demasiado. Em águas de eternamente, o cometa dos meus males afunda, desarvorado. Fico ao teu lado. Interlúdio é, antes de mais nada, um poema que fala de uma entrega. Nele, se vê a necessidade de viver e sentir o momento sem se refugiar no passado ou se perder nas perspectivas de futuro. O título (Interlúdio) quer dizer pausa, intervalo. Possivelmente é uma alusão ao gesto de refletir sobre os afetos e fazer um balanço da sua vida sentimental. A palavra interlúdio também quer dizer um trecho musical que interrompe duas cenas (ou dois atos), em uma peça dramática. Esse significado também não deve ser descartado porque a poética de Cecília está repleta de música. Repare como o terceiro verso se repete e é o último a concluir a escrita. Apesar dos excessos do mundo, o sujeito sublinha aquilo que tem segurança: o desejo de estar ao lado do amado. 6. A bailarina Esta menina tão pequenina quer ser bailarina. Não conhece nem dó nem ré mas sabe ficar na ponta do pé. Não conhece nem mi nem fá Mas inclina o corpo para cá e para lá Não conhece nem lá nem si, mas fecha os olhos e sorri. Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar e não fica tonta nem sai do lugar. Põe no cabelo uma estrela e um véu e diz que caiu do céu. Esta menina tão pequenina quer ser bailarina. Mas depois esquece todas as danças, e também quer dormir como as outras crianças. O poema acima está inserido no livro infantil Ou isto ou aquilo (1964). Assim como os outros poemas inseridos na publicação, Cecília adota o uso de rimas marcadas e forte musicalidade. Os primeiros três versos de A bailarina são repetidos quase ao final do poema dando uma ideia de ciclo. A produção literária infantil de Cecília procura alcançar o mundo de fantasia das crianças. A protagonista é uma menina comum, sem nome (provavelmente para promover uma identificação com o público leitor). Vemos nela as angústias naturais de uma criança que tem um único sonho: dançar. Vale lembrar que o universo infantil era muito importante para Cecília, que foi professora de crianças e fundou da primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro. Ao longo dos ensaios publicados em vida é possível observar como a poeta tinha uma enorme preocupação com o destino da educação, especialmente nos primeiros anos de escola. 7. Retrato Eu não tinha este rosto de hoje, Assim calmo, assim triste, assim magro, Nem estes olhos tão vazios, Nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, Tão paradas e frias e mortas; Eu não tinha este coração Que nem se mostra. Eu não dei por esta mudança, Tão simples, tão certa, tão fácil: — Em que espelho ficou perdida a minha face? O título do poema (Retrato) evoca uma imagem congelada, parada no tempo e no espaço. Os versos se referem tanto à aparência física quanto à angústia existencial interior, motivada pela noção da passagem do tempo. Observamos os sentimentos de melancolia e solidão já característicos da poética de Cecília. Vemos também a tristeza manifestada pela consciência tardia da transitoriedade da vida. A velhice se nota também a partir da degeneração do corpo. O eu-lírico olha para si mesmo, para aspectos internos e externos. O movimento apresentado nos versos acompanha o decorrer dos dias, no sentido da vida para a morte (a mão que perde a força, se torna fria e morta). O último verso sintetiza uma reflexão existencial profunda: onde foi que a essência do eu-lírico se perdeu? Experimente visitar o artigo Análise do poema Retrato, de Cecília Meireles. 8. Encomenda Desejo uma fotografia como esta — o senhor vê? — como esta: em que para sempre me ria como um vestido de eterna festa. Como tenho a testa sombria, derrame luz na minha testa. Deixe esta ruga, que me empresta um certo ar de sabedoria. Não meta fundos de floresta nem de arbitrária fantasia... Não... Neste espaço que ainda resta, ponha uma cadeira vazia. Inserido no livro Vaga Música (1942), o poema parte de uma experiência profundamente biográfica. Trata-se de um poema autocentrado: que fala das dores, angústias e medos. O poema Encomenda tem um tom sombrio, de amargura, apesar de haver aceitação sobre a passagem do tempo ("Deixe esta ruga, que me empresta um certo ar de sabedoria.") Na última estrofe, observamos que, por mais que a passagem do tempo seja dura, não se pretende disfarçar o sofrimento nem as mágoas. 9. Elegia Neste mês, as cigarras cantam e os trovões caminham por cima da terra, agarrados ao sol. Neste mês, ao cair da tarde, a chuva corre pelas montanhas, e depois a noite é mais clara, e o canto dos grilos faz palpitar o cheiro molhado do chão. Mas tudo é inútil, porque os teus ouvidos estão como conchas vazias, e a tua narina imóvel não recebe mais notícias do mundo que circula no vento. Os versos acima constituem um trecho do longo poema Elegia, que Cecília dedicou à memória da avó materna. A portuguesa Jacinta Garcia Benevides foi responsável pela criação da menina após ela ficar órfã. Nos seis primeiros versos vemos o mundo em pleno funcionamento. Tudo parece obedecer à ordem natural da vida e o cotidiano caminha sem sobressaltos. A segunda parte do poema, por sua vez, destoa completamente se comparado aos versos iniciais. Se no princípio líamos vida, agora lemos morte, se enxergávamos plenitude, passamos a ver ausência. Vale sublinhar que a morte aqui não é apenas a de quem partiu, mas também a do eu-lírico, que vê um pedaço de si tornar-se oco, vazio, em contraponto com o mundo cheio de vida ao redor. 10. As meninas Arabela abria a janela. Carolina erguia a cortina. E Maria olhava e sorria: “Bom dia!” Arabela foi sempre a mais bela. Carolina, a mais sábia menina. E Maria apenas sorria: “Bom dia!” Pensaremos em cada menina que vivia naquela janela; uma que se chamava Arabela, uma que se chamou Carolina. Mas a profunda saudade é Maria, Maria, Maria, que dizia com voz de amizade: “Bom dia!” O famoso poema As Meninas pertence ao livro infantil Ou isto ou aquilo (1964). Nele vemos uma breve historinha repleta de musicalidade, trata-se de uma forma de construir os versos que sugere quase uma canção. O formato escolhido, aliás, não é gratuito: os versos rimados e a repetição facilitam a memorização das crianças e a seduzem a ler e reler o poema repetidas vezes. A história das três meninas - Arabela, Carolina e Maria -, cada uma com as suas características particulares, é baseada em ações e é relativamente simples, porém extremamente visual. Ao apelar para imagens cotidianas, Cecília consegue aproximar o universo poético da realidade do pequeno leitor. Conheça também A equipe editorial do Cultura Genial é composta por especialistas em literatura, arte e comunicação, que criam e revisam todo o conteúdo. Doutora em Estudos da Cultura Tempo de leitura: 15 min. Ferreira Gullar (1930-2016) é um dos maiores nomes da literatura brasileira. O expoente da geração concretista é autor de versos que percorreram décadas e retratam muito da situação política e social brasileira. Relembre agora 12 das suas espetaculares composições. 1. Poema Sujo Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos e pais dentro que um enigma? mas que importa um nome debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um armário diante de garfos e facas e pratos louça que se quebraram já O trecho acima faz parte do Poema sujo, um extenso poema escrito quando Ferreira Gullar estava no exílio, na Argentina, por motivos políticos. Corria o ano de 1976 e o Brasil vivia os anos de chumbo, o poeta assistia de longe a desgraça que se passava no seu país enquanto compunha a sua obra-prima, o Poema Sujo, um criação com mais de dois mil versos. Ao longo da escrita o eu-lírico disserta sobre a solidão e sobre a importância da liberdade, sentimentos em consonância com o que se passava com o próprio Ferreira Gullar naquele momento. Esses primeiros versos dão conta da origem do poeta: a cidade de nascimento, a casa que o abrigou, a paisagem de São Luís, a estrutura familiar. Esse pensamento se desdobrará em uma série de preocupações identitárias e políticas, passando a composição do eu individual para o nós coletivo. Conheça uma análise aprofundada de Poema Sujo. 2. Homem comum Sou um homem comum de carne e de memória de osso e esquecimento. Ando a pé, de ônibus, de táxi, de avião e a vida sopra dentro de mim pânica feito a chama de um maçarico e pode subitamente cessar. Sou como você feito de coisas lembradas e esquecidas rostos e mãos, o guarda-sol vermelho ao meio-dia em Pastos-Bons, defuntas alegrias flores passarinhos facho de tarde luminosa nomes que já nem sei O sujeito poético em Homem comum (trecho acima) procura se identificar e por isso vai em busca da sua identidade. Durante caminho de descobrimento, ele mapeia percursos materiais (representados pela carne) e imateriais (simbolizados pela memória). O sujeito então se apresenta como resultado das experiências que viveu. Aqui o eu-lírico se aproxima do universo do leitor ("sou como você feito de coisas lembradas e esquecidas") demonstrando partilhar com ele experiências cotidianas ("ando a pé, de ônibus, de táxi, de avião") e inquietações sobretudo humanas, transversais a todos nós. 3. Traduzir-se Uma parte de mim é todo mundo: outra parte é ninguém: fundo sem fundo. Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e solidão. Uma parte de mim pesa, pondera: outra parte delira. Uma parte de mim almoça e janta: outra parte se espanta. Uma parte de mim é permanente: outra parte se sabe de repente. Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem. Traduzir uma parte na outra parte – que é uma questão de vida ou morte – será arte? O poema escrito em primeira pessoa pretende promover uma reflexão profunda sobre a subjetividade do artista. Vemos aqui uma procura por autoconhecimento, um esforço para desvendar o interior e as complexidades do sujeito poético. Convém sublinhar que não se trata só da relação do poeta com ele mesmo como também com todos os outros que estão a sua volta. Os versos, sucintos, carregam uma linguagem seca, sem grandes rodeios, e têm como objetivo investigar aquilo que o eu-lírico carrega dentro de si. Fagner, no princípio dos anos oitenta, musicou o poema Traduzir-se e fez do título do poema também o título do seu álbum, lançado em 1981. 4. No mundo há muitas armadilhas No mundo há muitas armadilhas e o que é armadilha pode ser refúgio e o que é refúgio pode ser armadilha Tua janela por exemplo aberta para o céu e uma estrela a te dizer que o homem é nada ou a manhã espumando na praia a bater antes de Cabral, antes de Troia (há quatro séculos Tomás Bequimão tomou a cidade, criou uma milícia popular e depois foi traído, preso, enforcado) No mundo há muitas armadilhas e muitas bocas a te dizer que a vida é pouca que a vida é louca E por que não a Bomba? te perguntam. Por que não a Bomba para acabar com tudo, já que a vida é louca? Os versos acima compõem o trecho inicial do longo poema No mundo há muitas armadilhas. A escrita traz uma reflexão sobre estar no mundo e os desafios que essa imersão representa tanto para o sujeito poético como para o leitor. Ao falar de si, o eu-lírico acaba por falar um pouco de cada um de nós instigando o nosso pensamento crítico. Longe de mirar em leitores apáticos, Gullar procura deixar-nos inquietos e em estado de alerta, questionando o mundo ao nosso redor. 5. Uma fotografia aérea Eu devo ter ouvido aquela tarde um avião passar sobre a cidade aberta como a palma da mão entre palmeiras e mangues vazando no mar o sangue de seus rios as horas do dia tropical aquela tarde vazando seus esgotos seus mortos seus jardins eu devo ter ouvido aquela tarde em meu quarto? na sala? no terraço ao lado do quintal? o avião passar sobre a cidade Os versos acima compõem o trecho inicial de Uma fotografia aérea. Nesse belo poema o sujeito poético se debruça sobre a sua origem em São Luís do Maranhão. A premissa da escrita é bastante original: havia passado de fato um avião que fez o registro daquela região onde nasceu o poeta. Teria ele visto a hora que o avião passou? O que havia ficado registrado na lente? O que o poeta iria se recordar a partir da imagem e o que transbordaria qualquer representação? De modo ainda mais genérico, o poema suscita as seguintes dúvidas: o que uma fotografia é capaz de capturar? Os afetos e as experiências emocionais são capazes de ficarem registrados em uma imagem? 6. Como dois e dois são quatro Como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena embora o pão seja caro e a liberdade pequena Como teus olhos são claros e a tua pele, morena como é azul o oceano e a lagoa, serena como um tempo de alegria por trás do terror me acena e a noite carrega o dia no seu colo de açucena - sei que dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena mesmo que o pão seja caro e a liberdade, pequena. O breve Como dois e dois são quatro é um poema com um tom social e político, assim como uma enorme parcela da lírica de Gullar. Vale lembrar que o escritor foi exilado durante a ditadura justamente por levantar questões acerca da repressão e por lutar pela liberdade ideológica. Contestador e provocador, querendo saber os limites da liberdade e os constrangimentos da vida em sociedade, assim se compõe Como dois e dois são quatro. Apesar de tratar de temas duros e questionamentos densos, o poema termina com um olhar solar e otimista. 7. Extravio Onde começo, onde acabo, se o que está fora está dentro como num círculo cuja periferia é o centro? Estou disperso nas coisas, nas pessoas, nas gavetas: de repente encontro ali partes de mim: risos, vértebras. Estou desfeito nas nuvens: vejo do alto a cidade e em cada esquina um menino, que sou eu mesmo, a chamar-me. Extraviei-me no tempo. Onde estarão meus pedaços? Os versos acima foram retirados do trecho inicial do poema Extravio. Aqui encontramos um sujeito poético a procura de si mesmo, tentando compreender como se tornou aquilo que é. Para isso ele busca vasculhar os rastros do seu passado, a procura de pistas da gênese desse amadurecimento. O eu-lírico acredita que ao colocar uma lupa sobre o seu percurso (com quem se relacionou, os sentimentos que viveu na pele, os lugares por onde passou) conseguirá perceber melhor aquilo que é a ponto de lidar melhor consigo e com quem está ao redor. 8. Maio 1964 Na leiteria a tarde se reparte em iogurtes, coalhadas, copos de leite e no meu espelho meu rosto. São quatro horas da tarde, em maio. Tenho 33 anos e uma gastrite. Amo a vida que é cheia de crianças, de flores e mulheres, a vida, esse direito de estar no mundo, ter dois pés e mãos, uma cara e a fome de tudo, a esperança. Esse direito de todos que nenhum ato institucional ou constitucional pode cassar ou legar. Mas quantos amigos presos! quantos em cárceres escuros onde a tarde fede a urina e terror. Já a partir do título do poema podemos perceber qual será o seu assunto: a ditadura militar que interrompeu a vida de Ferreira Gullar, assim como atropelou e suspendeu os planos de uma série de outros brasileiros. Nesse duro poema autobiográfico (encontramos acima apenas um trecho), lemos a repressão, a censura e as duras consequências vividas durante os anos de chumbo. Ao escolher a ditadura como tema, Gullar pretende manter viva na memória coletiva o que foram aqueles anos de terror e medo. Enquanto o medo se aproxima dos muitos que discordavam do regime, outros tantos mantinham a sua rotina cotidiana "em iogurtes, coalhadas, copos de leite" sem grandes sobressaltos. O eu-lírico, por sua vez, com 33 anos, assiste o rumo do país indignado e com desejo de mudança. Esperançoso, ele prega que todos tem direitos que "nenhum ato institucional ou constitucional pode cassar ou legar". 9. Cantiga para não morrer Quando você for se embora, moça branca como a neve, me leve. Se acaso você não possa me carregar pela mão, menina branca de neve, me leve no coração. Se no coração não possa por acaso me levar, moça de sonho e de neve, me leve no seu lembrar. E se aí também não possa por tanta coisa que leve já viva em seu pensamento, menina branca de neve, me leve no esquecimento. Cantiga para não morrer é um dos poucos poemas de amor de Ferreira Gullar, que costuma ter uma lírica mais voltada para as questões sociais e coletivas. Nos versos acima, no entanto, o sujeito poético se debruça sobre o sentimento da paixão. O eu-lírico encontra-se entregue a uma sensação de enamoramento provocada pela "moça branca de neve". Não ficamos sabendo mais nada dessa mulher além da cor da sua pele, a descrição do poeta se foca mais no afeto do que propriamente no alvo do amor. Ao contrário de grande parte dos poemas que tecem uma declaração, esse não se foca no encontro, mas sim no momento em que a amada decide partir. O apaixonado, sem saber bem como reagir diante dessa situação, apenas pede que ela o leve consigo de alguma forma. Em 1984 o poema foi musicado e lançado por Fagner, confira o resultado abaixo: 10. A poesia Onde está a poesia? indaga-se por toda parte. E a poesia vai à esquina comprar jornal. Cientistas esquartejam Púchkin e Baudelaire. Exegetas desmontam a máquina da linguagem. A poesia ri. Baixa-se uma portaria: é proibido misturar o poema com Ipanema. O poeta depõe no inquérito: meu poema é puro, flor sem haste, juro! Não tem passado nem futuro. Não sabe a fel nem sabe a mel: é de papel. Já no primeiro trecho de A poesia é possível observar que se trata de um metapoema, uma criação que investiga a origem do verso e pretende compreender o lugar da lírica no mundo. O sujeito poético deseja descobrir não só para que serve a poesia como qual é o seu espaço, a que lugar pertence, de que modo pode fazer a diferença nos nossos dias. Não é apenas uma questão de descobrir de onde brota a lírica, mas sim também de investigar a sua motivação e a sua capacidade de transformação social. 11. Não há vagas O preço do feijão não cabe no poema. O preço do arroz não cabe no poema. Não cabem no poema o gás a luz o telefone a sonegação do leite da carne do açúcar do pão O funcionário público não cabe no poema com seu salário de fome sua vida fechada em arquivos. Como não cabe no poema o operário que esmerila seu dia de aço e carvão nas oficinas escuras – porque o poema, senhores, está fechado: “não há vagas” Só cabe no poema o homem sem estômago a mulher de nuvens a fruta sem preço O poema, senhores, não fede nem cheira. Em Não há vagas, Gullar utiliza o poema como ferramenta de crítica social, apresentando diversos problemas coletivos e de ordem pública como sendo muito mais relevantes do que o próprio poema. Mais uma vez ele faz uso da metalinguagem, evidente nos últimos versos, em que diz "O poema, senhores, não fede nem cheira". Essa frase quer dizer que, diante de tantas injustiças no mundo, seu ofício lírico se torna pequeno e irrelevante. O curioso é que ao mesmo tempo em que faz uma "crítica ao poema", parece usar a ironia, afinal é o poema que comunica sua insatisfação. 12. Os mortos Os mortos vêem o mundo pelos olhos dos vivos eventualmente ouvem, com nossos ouvidos, certas sinfonias algum bater de portas, ventanias Ausentes de corpo e alma misturam o seu ao nosso riso se de fato quando vivos acharam a mesma graça. Nessa construção poética, o autor aborda um dos maiores tabus da sociedade: a morte. Mas aqui, apresenta a relação entre os vivos e os que se foram de maneira misteriosa e ao mesmo tempo esperançosa. Ao afirmar que os mortos "vêem o mundo", ele afirma também uma continuação dessas pessoas, mas agora pelos sentidos e sentimentos dos que ficaram. O que Gullar propõe é uma integração entre passado e presente, entre os antepassados e as pessoas que seguem vivendo, dizendo que os valores e humores dos "ausentes de corpo e alma" permanecem. Quem foi Ferreira Gullar José de Ribamar Ferreira ficou conhecido no universo da literatura apenas como Ferreira Gullar. O escritor nasceu em São Luís do Maranhão no ano de 1930. Aos 18 anos lançou o seu primeiro livro de poesias intitulado Um pouco acima do chão. Ainda jovem decidiu sair do interior rumo ao Rio de Janeiro onde se estabeleceu em 1951 e passou a atuar como revisor de textos da revista O Cruzeiro. Retrato de Ferreira Gullar.Ferreira Gullar foi um dos grandes nomes da poesia concreta e neoconcreta brasileira. Seu livro A Luta Corporal (1954), já trazia sinais da sua experiência concreta. Dois anos mais tarde participou da primeira exposição de Poesia Concreta. Continuou escrevendo ao longo das décadas se debruçando especialmente no gênero poético e na temática das questões sociais. Também redigiu para o teatro e compôs roteiros de novela. Durante a ditadura militar se exilou na França, no Chile, no Peru e na Argentina. É dessa época o clássico Poema Sujo. É dele a célebre frase: A arte existe porque a vida não basta. Prêmios recebidos Em 2007 Gullar recebeu um prêmio Jabuti na categoria Melhor Livro de Ficção. Quatro anos mais tarde a façanha se repetiu com o mesmo prêmio, mas dessa vez na categoria poesia. Em 2010 foi laureado com o importante Prêmio Camões. Nesse mesmo ano recebeu o título de Doutor Honoris Causa oferecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2014 foi eleito para ocupar um lugar na Academia Brasileira de Letras. Ferreira Gullar discursando na ABL.Ferreira Gullar faleceu no dia 4 de dezembro de 2016 no Rio de Janeiro. Conheça também Poetas brasileiros fundamentaisPoemas de Carlos Drummond de Andrade Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2010), mestre em Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013) e doutora em Estudos de Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2018). Este livro é uma verdadeira festa. Nele a Ruth Rocha, junto com sua filha Mariana, reuniu um montão de poemas que elas adoram. Alguns têm mais de cem anos, como os de Olavo Bilac e de Fagundes Varela; outros, são de poetas contemporâneos, ou seja, do nosso tempo, como os de José Paulo Paes, Adélia Prado, Chacal, Augusto de Campos e Renata Pallottini. Para ilustrar um livro de tantos autores, a Ruth chamou uma turma de nove ilustradores, entre eles Teresa Berlinck e Madalena Elek. Aí vai um exemplo das delícias que a Ruth recolheu para a gente (a autora se chama Angélica Freitas):as bruxas de bruxelas batem panelas pra espantar as baratas tontas que vivem nas pontas dos sapatos delas”Nascida em São Paulo, capital, em 1931, Ruth Rocha sempre viveu em São Paulo. Foi orientadora educacional e editora. Começou a escrever artigos sobre educação para a revista Cláudia, em 1967. Em 1969 começou a escrever histórias infantis para a revista Recreio. Em 1976 teve seu primeiro livro editado. De lá para cá publicou mais de cem livros no Brasil e vinte no exterior, em dezenove diferentes idiomas. Doutora em Estudos da Cultura Tempo de leitura: 22 min. Vinicius de Moraes (19 de outubro de 1913 - 9 de julho de 1980) foi um dos maiores criadores da cultura brasileira. Escritor, letrista, diplomata, dramaturgo, crítico de cinema, o legado deixado pelo poetinha é de valor inestimável. É legítimo afirmar que a sua produção poética foi bastante voltada para o tema do amor, embora nas suas obras também seja possível encontrar uma meta-escrita ou até mesmo uma escrita engajada, preocupada com os problemas políticos e sociais do mundo. Com uma linguagem extremamente acessível, sedutora e cotidiana, Vinicius de Moraes vem encantando leitores ao longo de diversas gerações. Confira agora os seus catorze maiores poemas comentados e analisados. 1. Soneto de fidelidade De tudo ao meu amor serei atento Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure. O poema de amor mais consagrado do poetinha talvez seja o Soneto de fidelidade. Os versos foram organizados a partir de uma forma clássica - o soneto - que se organiza em quatro estrofes (as duas primeiras com quatro versos e as duas últimas com três versos). O tema abordado, o amor, é um assunto que não perde a validade, nesse caso específico, Vinicius de Moraes compôs em homenagem a sua primeira mulher. Desde 1939, ano da criação do poema, o Soneto de fidelidade vem sendo recitado por casais apaixonados. Escrito em São Paulo, quando o autor tinha apenas 26 anos, os versos transcenderam a sua realidade particular para ganharem a boca de outros enfeitiçados pelo amor. Ao contrário da maior parte dos poemas de amor - que prometem amor eterno - nos versos acima vemos uma promessa de entrega total e absoluta enquanto o sentimento durar. Vinicius de Moraes reconhece a perenidade do tempo e do afeto e o destino fracassado da maior parte das relações e assume, diante da amada, que a amará com toda a força enquanto o afeto existir. Conheça mais sobre o Soneto de fidelidade. Aproveite e escute também o Soneto de fidelidade recitado pelo próprio Vinicius de Moraes: 2. A rosa de Hiroshima Pensem nas crianças Mudas telepáticas Pensem nas meninas Cegas inexatas Pensem nas mulheres Rotas alteradas Pensem nas feridas Como rosas cálidas Mas oh não se esqueçam Da rosa da rosa Da rosa de Hiroxima A rosa hereditária A rosa radioativa Estúpida e inválida. A rosa com cirrose A antirrosa atômica Sem cor sem perfume Sem rosa sem nada. Embora tenha ficado mais conhecido pela sua lírica amorosa, Vinicius de Moraes também cantou versos dedicados a outros temas. A rosa de Hiroshima é um exemplo de poema engajado, profundamente preocupado com o futuro do mundo e da sociedade. Vale lembrar que profissionalmente Vinicius de Moraes atuou como diplomata, por isso estava a par dos severos problemas político e sociais do seu tempo. O poema, escrito em 1973, tece uma crítica grave a Segunda Guerra Mundial, especialmente as explosões das bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki (no Japão). A rosa de Hiroshima foi posteriormente musicado por Gerson Conrad e chegou a ser tocado pela banda Secos e Molhados no disco de estreia (assista abaixo). Conheça mais sobre A rosa de Hiroshima. 3. Soneto do amor total Amo-te tanto, meu amor… não cante O humano coração com mais verdade… Amo-te como amigo e como amante Numa sempre diversa realidade Amo-te afim, de um calmo amor prestante, E te amo além, presente na saudade. Amo-te, enfim, com grande liberdade Dentro da eternidade e a cada instante. Amo-te como um bicho, simplesmente, De um amor sem mistério e sem virtude Com um desejo maciço e permanente. E de te amar assim muito e amiúde, É que um dia em teu corpo de repente Hei de morrer de amar mais do que pude. Criado em 1951, o Soneto do amor total é uma das mais belas declaração de amor presentes na poesia brasileira. Em apenas catorze versos o eu-lírico consegue transmitir a amada a complexidade do sentimento que carrega. Trata-se, ao mesmo tempo, de um amor de amigo, mesclado com o de amante, que por vezes o engaja no cuidar e por vezes o faz ter como único instinto o possuir. As múltiplas faces do amor romântico - muitas vezes contraditórias, inclusive - conseguiram ser traduzidas com precisão pelo poetinha em formato de verso. Leia a análise completa de Soneto do Amor Total. Confira essa pérola recitada lindamente por Maria Bethânia: 4. Soneto de contrição Eu te amo, Maria, eu te amo tanto Que o meu peito me dói como em doença E quanto mais me seja a dor intensa Mais cresce na minha alma teu encanto. Como a criança que vagueia o canto Ante o mistério da amplidão suspensa Meu coração é um vago de acalanto Berçando versos de saudade imensa. Não é maior o coração que a alma Nem melhor a presença que a saudade Só te amar é divino, e sentir calma... E é uma calma tão feita de humildade Que tão mais te soubesse pertencida Menos seria eterno em tua vida. O Soneto de contrição, escrito em 1938, é um dos poucos que se dirige efetivamente a alguém identificado: uma amada chamada Maria. Além do nome, mais nada saberemos a respeito da jovem por quem o eu-lírico nutre tanto afeto. No princípio do poema, os versos comparam o amor sentido com a dor provocada por uma doença ou com a sensação de solidão presente numa criança que vagueia sozinha. No entanto, apesar das comparações iniciais sugerirem sofrimento, logo o eu-lírico dá a volta e mostra que o afeto provocado pela amada é divino e proporciona uma calma e um descanso jamais sentidos. 5. Ternura Eu te peço perdão por te amar de repente Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos Das horas que passei à sombra dos teus gestos Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos Das noites que vivi acalentado Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente. E posso te dizer que o grande afeto que te deixo Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas Nem as misteriosas palavras dos véus da alma... É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias E só te pede que te repouses quieta, muito quieta E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático da aurora. Composto no mesmo ano do Soneto de contrição, Ternura também veio ao mundo em 1938 e tem como tema igualmente as consequências provocadas pelo amor romântico. Aqui a pegada do poetinha traduz um enamoramento profundo pela amada, a quem pede desculpas inicialmente pelo amor repentino e demasiado. É como se o apaixonado não conseguisse controlar a sua entrega e se colocasse inteiramente a disposição do sentimento que o arrebata. Apesar da intensidade provocada pelo querer, o eu-lírico garante que o amor sentido se traduz numa espécie de sossego invulgar, uma calmaria em meio ao caos. Confira o poema Ternura recitado: 6. Eu sei que vou te amar Eu sei que vou te amar Por toda a minha vida eu vou te amar Em cada despedida eu vou te amar Desesperadamente Eu sei que vou te amar E cada verso meu será pra te dizer Que eu sei que vou te amar Por toda a minha vida Eu sei que vou chorar A cada ausência tua eu vou chorar, Mas cada volta tua há de apagar O que essa ausência tua me causou Eu sei que vou sofrer A eterna desventura de viver a espera De viver ao lado teu Por toda a minha vida. Os versos de Eu sei que vou te amar são categóricos: o eu-lírico afirma que até o final da sua vida estará apaixonado pela amada. Ele descreve a relação como uma constância em meio as instabilidades da vida e garante que, até os seus últimos dias, irá ser fiel e declarará o seu amor. Nos momentos de tristeza o sujeito também sugere que irá sofrer quando a amada estiver ausente, sublinhando que contará com a presença dela dentro de si ainda que ela não possa estar junto fisicamente. A composição é digna de um apaixonado, que oferece entrega total e absoluta, disponibilidade para a relação a dois e devoção sem fim à amada. Eu sei que vou te amar virou música através de uma parceria realizada com Tom Jobim: 7. A felicidade Tristeza não tem fim Felicidade sim... A felicidade é como a pluma Que o vento vai levando pelo ar Voa tão leve Mas tem a vida breve Precisa que haja vento sem parar. A felicidade do pobre parece A grande ilusão do carnaval A gente trabalha o ano inteiro Por um momento de sonho Pra fazer a fantasia De rei, ou de pirata, ou da jardineira E tudo se acabar na quarta-feira. Tristeza não tem fim Felicidade sim... A felicidade é como a gota De orvalho numa pétala de flor Brilha tranquila Depois de leve oscila E cai como uma lágrima de amor. A felicidade é um coisa louca Mas tão delicada, também Tem flores e amores de todas as cores Tem ninhos de passarinhos Tudo isso ela tem E é por ela ser assim tão delicada Que eu trato sempre dela muito bem. Tristeza não tem fim Felicidade sim... Nos versos acima Vinicius de Moraes discorre sobre o ideal máximo do ser humano: alcançar a felicidade. Para ilustrar os seus versos o poetinha tece uma oposição entre a felicidade e a tristeza, depois vai comparando a felicidade a partir de exemplos reais e cotidianos (a felicidade é como a pluma, a felicidade é como a gota de orvalho). A beleza do poema é justamente essa impossibilidade de nomear o que é a felicidade, mas o manancial de possibilidades que é apresentado ao tentar descrevê-la. Felicidade é também letra de música, composta em parceria com Tom Jobim e inicialmente cantada por Miúcha: 8. A uma mulher Quando a madrugada entrou eu estendi o meu peito nu sobre o teu peito Estavas trêmula e teu rosto pálido e tuas mãos frias E a angústia do regresso morava já nos teus olhos. Tive piedade do teu destino que era morrer no meu destino Quis afastar por um segundo de ti o fardo da carne Quis beijar-te num vago carinho agradecido. Mas quando meus lábios tocaram teus lábios Eu compreendi que a morte já estava no teu corpo E que era preciso fugir para não perder o único instante Em que foste realmente a ausência de sofrimento Em que realmente foste a serenidade. O poema composto em 1933 conta a trágica história de um casal que se desfaz. O título do poema é uma dedicatória direcionada a alguém que desconhecemos (lê-se apenas A uma mulher). Ao longo dos onze versos ficamos conhecendo o destino de um casal que, no passado, foi apaixonado, mas que agora parece se separar definitivamente. Quando o eu-lírico se aproxima da amada ela já está fria e distante. Ele ainda tenta transmitir um carinho, um afago, mas logo percebe que qualquer investida será em vão. A finitude já está instaurada no corpo dela e a cena já transborda sofrimento. Ao avesso dos poemas românticos e apaixonados habitualmente escritos pelo poetinha, em A uma mulher temos uma escrita sem final feliz. 9. Poema de Natal Para isso fomos feitos: Para lembrar e ser lembrados Para chorar e fazer chorar Para enterrar os nossos mortos — Por isso temos braços longos para os adeuses Mãos para colher o que foi dado Dedos para cavar a terra. Assim será nossa vida: Uma tarde sempre a esquecer Uma estrela a se apagar na treva Um caminho entre dois túmulos — Por isso precisamos velar Falar baixo, pisar leve, ver A noite dormir em silêncio. Não há muito o que dizer: Uma canção sobre um berço Um verso, talvez de amor Uma prece por quem se vai — Mas que essa hora não esqueça E por ela os nossos corações Se deixem, graves e simples. Pois para isso fomos feitos: Para a esperança no milagre Para a participação da poesia Para ver a face da morte — De repente nunca mais esperaremos… Hoje a noite é jovem; da morte, apenas Nascemos, imensamente. O título do poema acima nos faz crer que se trata de uma escrita composta no final do ano. Os versos são característicos desta ocasião porque procuram fazer um balanço do passado e daquilo que realmente importa. É como se o eu-lírico olhasse para as lembranças e se desse conta do que efetivamente tem valor na vida. O eu-lírico chega a conclusão de como deverá ser o destino daqui para a frente e tenta sublinhar a importância da delicadeza no nosso cotidiano (o falar baixo, o pisar leve). 10. Soneto de separação De repente do riso fez-se o pranto Silencioso e branco como a bruma E das bocas unidas fez-se a espuma E das mãos espalmadas fez-se o espanto. De repente da calma fez-se o vento Que dos olhos desfez a última chama E da paixão fez-se o pressentimento E do momento imóvel fez-se o drama. De repente, não mais que de repente Fez-se de triste o que se fez amante E de sozinho o que se fez contente. Fez-se do amigo próximo o distante Fez-se da vida uma aventura errante De repente, não mais que de repente. O triste e belo Soneto de separação aborda um dos momentos mais trágicos da vida do ser humano: o final de uma relação amorosa. Não sabemos o motivo da despedida, mas o eu-lírico transcreve nos versos acima a agonia da partida. Em termos de estrutura, o poema é todo construído a partir de pares opostos (riso/pranto, calma/vento, momento imóvel/drama, próximo/distante). Nos breves versos podemos sentir a fugacidade dos sentimentos e a perenidade da vida. Parece que, num piscar de olhos, toda a relação está definitivamente perdida. É como se a vida e o afeto cultivados a dois se esvaíssem num segundo. O Soneto de separação está disponível recitado pelo próprio Vinicius de Moraes, confira: 11. Poema dos olhos da amada Ó minha amada Que olhos os teus São cais noturnos Cheios de adeus São docas mansas Trilhando luzes Que brilham longe Longe nos breus... Ó minha amada Que olhos os teus Quanto mistério Nos olhos teus Quantos saveiros Quantos navios Quantos naufrágios Nos olhos teus... Ó minha amada Que olhos os teus Se Deus houvera Fizera-os Deus Pois não os fizera Quem não soubera Que há muitas eras Nos olhos teus. Ah, minha amada De olhos ateus Cria a esperança Nos olhos meus De verem um dia O olhar mendigo Da poesia Nos olhos teus. Os versos dedicados ao amor compostos por Vinicius de Moraes começam tecendo uma comparação da amada com o universo náutico. A presença de um léxico ligado à navegação - as docas, o cais, os naufrágios, os navios, os saveiros - vem a serviço do enaltecimento da mulher amada. Nessa homenagem o poetinha exalta especialmente os olhos daquela que é o objeto da sua adoração. Num segundo momento da poesia, vemos surgir a questão da presença ou não de Deus como o construtor dessa obra prima (os olhos da amada). O eu-lírico coloca a hipótese de, se Deus existir, ter sido o autor dessa mais bela criação. No caso de não existir, o elogio vai por outro caminho e encontra no olhar da amada um somatório de gerações. Por fim, ficamos sabendo que a amada, que não acredita na existência de Deus, desperta no poeta o amor e a esperança. Se tudo o que vem do olhar dela é grande e belo, o eu-lírico descreve o seu próprio olhar, por oposição, como um olhar mendigo. O poema, que foi musicado, encontra-se declamado pelo poetinha: 12. Tomara Tomara Que você volte depressa Que você não se despeça Nunca mais do meu carinho E chore, se arrependa E pense muito Que é melhor se sofrer junto Que viver feliz sozinho Tomara Que a tristeza te convença Que a saudade não compensa E que a ausência não dá paz E o verdadeiro amor de quem se ama Tece a mesma antiga trama Que não se desfaz E a coisa mais divina Que há no mundo É viver cada segundo Como nunca mais Tomara foi musicada e virou das músicas mais consagradas da MPB. Aqui o eu-lírico é abandonado pela amada, que parte e deixa um rastro de saudade. Ao invés de adotar uma postura vingativa e raivosa, o sujeito deseja que ela volte logo e que nunca mais repita a decisão de partir. A conclusão que aspira que a amada chegue é que é melhor estar a dois - ainda que com algum sofrimento - do que seguir em frente sozinho. Os votos do apaixonado são que a saudade aperte forte e que a tristeza faça com que ela se arrependa da decisão tomada. A canção ficou eternizada na voz de Marilia Medalha numa parceria feita também com Toquinho & Trio Mocotó: 13. Pela luz dos olhos teus Quando a luz dos olhos meus E a luz dos olhos teus Resolvem se encontrar Ai que bom que isso é meu Deus Que frio que me dá o encontro desse olhar Mas se a luz dos olhos teus Resiste aos olhos meus só p'ra me provocar Meu amor, juro por Deus me sinto incendiar Meu amor, juro por Deus Que a luz dos olhos meus já não pode esperar Quero a luz dos olhos meus Na luz dos olhos teus sem mais lará-lará Pela luz dos olhos teus Eu acho meu amor que só se pode achar Que a luz dos olhos meus precisa se casar. Os olhos da amada foram tema de uma série de poemas apaixonados de autoria de Vinicius de Moraes. No caso do poema acima figura, além do olhar da amada, o olhar do eu-lírico, que se encontra em comunhão com a sua parceira. Da união com aquela que ama nasce a sensação de realização e de plenitude, é o contentamento que transparece no princípio da letra. Os olhos da amada, ao longo dos versos, transmitem uma série de afetos distintos. Se num primeiro momento há a sensação de paz e tranquilidade, num segundo instante os olhos o seduzem e o enchem de euforia. Em parceria com o grande amigo Tom Jobim, a canção, que trata acima de tudo de um bem sucedido encontro amoroso, foi interpretada pelo poetinha em encontros com Miúcha. A música ficou conhecida pelo grande público por ter sido a música da abertura da novela Mulheres Apaixonadas, que passou na Globo durante o ano de 2003: 14. Soneto do Amigo Enfim, depois de tanto erro passado Tantas retaliações, tanto perigo Eis que ressurge noutro o velho amigo Nunca perdido, sempre reencontrado. É bom sentá-lo novamente ao lado Com olhos que contêm o olhar antigo Sempre comigo um pouco atribulado E como sempre singular comigo. Um bicho igual a mim, simples e humano Sabendo se mover e comover E a disfarçar com o meu próprio engano. O amigo: um ser que a vida não explica Que só se vai ao ver outro nascer E o espelho de minha alma multiplica... Criado no exílio, em Los Angeles, durante o ano de 1946, o Soneto do Amigo tematiza uma amizade duradoura, capaz de vencer o tempo e a distância. Ao longo dos versos é possível perceber que a amizade já não é mais cotidiana e não permite encontros tão frequentes como outrora, mas, por outro lado, o afeto, a confiança e o querer bem permanecem idênticos. A relação de amizade descrita é sempre de uma redescoberta, de um conhecer novamente, apesar de haver uma confiança suscitada por ser uma relação de longa data, onde os indivíduos já se conhecem profundamente. Biografia Marcus Vinicius de Mello Moraes, conhecido no meio artístico apenas como Vinicius de Moraes, nasceu no dia 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro. Foi filho do funcionário público e poeta Clodoaldo Pereira da Silva Moraes e da pianista Lydia Cruz de Moraes. O poetinha tinha, como se pode notar, a arte no sangue. Vinicius atuou como escritor (redigiu poemas, prosa e teatro) além de ter sido compositor, crítico literário e cinematográfico, cantor e embaixador. Formado em Direito, o poeta sempre nutriu uma paixão profunda pela música e pela literatura, por isso acabou por conseguir conciliar carreiras tão distintas. No campo da música, o seu maior legado talvez tenha sido Garota de Ipanema. A música composta em parceria com Antônio Carlos Jobim tornou-se um hino da Bossa Nova. Também são de sua autoria clássicos da MPB como Aquarela, A Casa, Canto de Ossanha e Chega de saudade. Conheça As 10 músicas mais importantes da Bossa Nova. No teatro, lançou a peça Orfeu da Conceição (1956), que foi encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Escreveu posteriormente outras peças que tiveram menor sucesso (As feras, Cordélia e o peregrino malvado e Procura-se uma Rosa). Na carreira diplomática, Vinicius de Moraes serviu o país como vice-cônsul em Los Angeles, nos Estados Unidos (para onde embarcou em 1943). Depois imigrou para Paris, Montevidéu, regressou a Paris até voltar definitivamente para o Brasil (em 1964). Quatro anos mais tarde acabou por ser aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional Número Cinco. Assinatura de Vinicius de Moraes.O poetinha, como era chamado pelos amigos, lançou em 1933 o seu primeiro livro (O caminho para a distância). Curiosamente esse também foi o ano da formatura na faculdade de Direito. A sua vida particular foi bastante agitada: Vinicius de Moraes foi um eterno apaixonado e, como refém do amor, casou-se nove vezes. O poetinha faleceu na cidade onde nasceu - no Rio de Janeiro - no dia 9 de julho de 1980, vítima de um isquemia cerebral. Retrato de Vinicius de Moraes.Obras literárias publicadas Livros de prosa Para viver um grande amor (1962) Para uma menina com uma flor (1966)Livros de poesia O caminho para a distância (1933) Forma e exegese (1935) Ariana, a mulher (1936) Novos poemas (1938) 5 elegias (1943) Poemas, sonetos e baladas (1946) Pátria minha (1949) Antologia poética (1954) Livro de sonetos (1957) Novos poemas II (1959) O mergulhador (1968) A arca de Noé (1970) Poemas esparsos (2008)Conheça também Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2010), mestre em Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013) e doutora em Estudos de Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2018). Revisão por Naiana Carvalho Educadora e especialista em PsicopedagogiaAtualizado em 18 março 2025Poemas infantis são uma ótima ideia de atividade para entreter crianças e colocá-las em contato com o belo mundo da literatura e da magia das palavras. Mais fáceis de compreender, os poemas com rimas estimulam a criatividade e soam quase como música aos ouvidos infantis. Confira alguns dos mais criativo e divertidos para ler com crianças.BAGUNÇABagunça rima com criança, bagunça é prima da lambança, bagunça dança, bailarina, começa e nem sempre termina, bagunça mansa, essa menina, descansa de pança pra cima.Leo CunhaAMARELINHAMaré mar é maré mare linha sete casas a pincel. Pulo paro e lá vou num pulinho segurar mais um ponto no céu.Maria da Graça RiosESQUISITICESEm Jataí é proibido fazer xixi. Em Catiporã é proibido casar com rã. Em Jaboticabal é proibido comida com sal.(...)Em Guaxupé é proibido cheirar chulé. Em Aquidauir é proibido proibir.Sergio CapparelliRIMA, RIMA, RIMA, RIMAA panela de pressão Chia, chia, chia, chia O pintinho pequenino Pia, pia, pia, pia O gatinho bagunceiro Mia, mia, mia, mia A menina lendo o livro Ria, ria, ria, ria(...)A viola apaixonada Chora, chora, chora, chora E a moça envergonhada Cora, cora, cora, coraCintia AmorimO CUCOMais esperto que maluco este é o retrato do cuco. Taí um que não se mata pra fazer um pé-de-meia e nem pensa em bater asa pra construir a casa. Para ele o bom negócio é morar em casa alheia, e do abuso nem se toca. Os seus ovos, rapidinho, põe no ninho do vizinho depois vai curtir um ócio enquanto a vizinha chocaMarina ColasantiCULTURAO girino é o peixinho do sapo O silêncio é o começo do papo O bigode é a antena do gato O cavalo é pasto do carrapatoO cabrito é o cordeiro da cabra O pescoço é a barriga da cobra O leitão é um porquinho mais novo A galinha é um pouquinho do ovoO desejo é o começo do corpo Engordar é a tarefa do porco A cegonha é a girafa do ganso O cachorro é um lobo mais mansoO escuro é a metade da zebra As raízes são as veias da seiva O camelo é um cavalo sem sede Tartaruga por dentro é paredeO potrinho é o bezerro da égua A batalha é o começo da trégua Papagaio é um dragão miniatura Bactérias num meio é cultura.Arnaldo AntunesPOR ENQUANTO SOU PEQUENOPor enquanto sou pequeno, mas vou aprender a ler: já sei ler palavra inteira, leio pra cima, e pra baixo, e plantando bananeira!Por enquanto sou pequeno, uma coisa vou dizer, com certeza e alegria: sei que nunca vou esquecer da beleza da poesia!Pedro BandeiraO GIRASSOLSempre que o sol Pinta de anil Todo o céu O girassol Fica um gentil Carrossel.Roda, roda, roda carrossel Gira, gira, gira girassol Redondinho como o céu Marelinho como o sol.Vinicius de MoraesA CASAEra uma casa Muito engraçada Não tinha teto Não tinha nada Ninguém podia Entrar nela, não Porque na casa Não tinha chãoNinguém podia Dormir na rede Porque na casa Não tinha parede Ninguém podia Fazer pipi Porque penico Não tinha aliMas era feita Com muito esmero Na Rua dos Bobos Número ZeroVinicius de MoraesA LUA FOI AO CINEMAA lua foi ao cinema, passava um filme engraçado, a história de uma estrela que não tinha namorado.Não tinha porque era apenas uma estrela bem pequena, dessas que, quando apagam, ninguém vai dizer, que pena!Era uma estrela sozinha, ninguém olhava para ela, e toda a luz que ela tinha cabia numa janela.A lua ficou tão triste com aquela história de amor, que até hoje a lua insiste: – Amanheça, por favor!Paulo LeminskiA FOCAQuer ver a foca Ficar feliz? É por uma bola No seu nariz.Quer ver a foca Bater palminha? É dar a ela Uma sardinha.Quer ver a foca Fazer uma briga? É espetar ela Bem na barriga!Vinicius de MoraesPESSOAS SÃO DIFERENTESSão duas crianças lindas Mas são muito diferentes! Uma é toda desdentada, A outra é cheia de dentes... Uma anda descabelada, A outra é cheia de pentes!(...)Uma tem cabelos longos, A outra corta eles rentes. Não queira que sejam iguais, Aliás, nem mesmo tentes! São duas crianças lindas, Mas são muito diferentes!Ruth RochaA BAILARINAEsta menina tão pequenina quer ser bailarina. Não conhece nem dó nem ré mas sabe ficar na ponta do pé. Não conhece nem mi nem fá Mas inclina o corpo para cá e para lá(...)Esta menina tão pequenina quer ser bailarina. Mas depois esquece todas as danças, e também quer dormir como as outras crianças.Cecília MeirelesCODORNINHA DO SERTÃOCodorninha do sertão bota um ovo na lua bota outro no chão. Bota aqui bota acolá bota até em Bagdá. Bota na bota do vaqueiro bota bota bota o dia inteiro. E às vezes devido ao vento desbota um lamento.Almir CorreiaESPANTALHOHomem de palha coração de capim vai embora aos pouquinhos no bico dos passarinhos e fimAlmir Correia PONTINHO DE VISTAEu sou pequeno, me dizem, e eu fico muito zangado. Tenho de olhar todo mundo com o queixo levantado. Mas, se formiga falasse e me visse lá do chão, ia dizer, com certeza: — Minha nossa, que grandão!"Pedro BandeiraNO MARNo mar, Tem siri e ostra, Marisco e lagosta, Bichos bonitos, bichos esquisitos. O mar É lindo e gozado. A gente entra doce E sai salgado.Lalau e Laura BeatrizESTRELASCinco pontas cinco destinos são areias tontas de desatinos Cinco sentidos cinco caminhos grãos tão moídos por mares e moinhos Estrela-guia em alto mar outra Maria veio me chamarAna Maria MachadoMÃEDe patins, de bicicleta de carro, moto, avião nas asas da borboleta e nos olhos do gavião de barco, de velocípedes a cavalo num trovão nas cores do arco-íris no rugido de um leão na graça de um golfinho e no germinar do grão teu nome eu trago, mãe, na palma da minha mão.Sérgio CapparelliVeja também:

- plano de saude campo grande ms
- https://terfigyelokamera.info/files/file/81015132761.pdf
- http://ty6600.com/userfiles/file/sidat_miguwize.pdf
- https://bahceneryaman.net/public/content-images/files/febanobetukik.pdf
- http://colonia-hausmeister.de/uploads/files/levufesumekupab.pdf
- hizovima
- http://bacsixuongkhop.net/upload/files/37951697322.pdf
- giruki
- duhate
- noki
- évaluation sur la reproduction humaine cm2 pdf